ISSN: 2358-8829

FILME EXTRAORDINÁRIO: PRECONCEITO, INCLUSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA

Rita de Cássia Galvão Pavan [1]
Ianacilda de Lima Carvalho [2]
Tania Coelho de Souza [34]
Valdelúcia Alves da Costa [5]

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido considerando o filme "Extraordinário (2017)", sob a direção do cineasta Stephen Chbosky, com base no livro, cuja autora é Raquel Jaramillo Palacio, com a tradução de Rachel Agavino. Para tal, na análise descritiva dessa comunicação audiovisual e literatura, foram investigadas as seguintes categorias: inclusão, preconceito contra o estudante com deficiência (capacitismo) e a formação docente na escola, sob a égide da Teoria Crítica da Sociedade.

O personagem principal, Auggie Pulman, tem Síndrome de Treacher Collins, causada pela má formação nos ossos craniofaciais e, foi submetido à 27 cirurgias que deixaram marcas no seu rosto, apresentando deficiência física na face, tendo repercussões no âmbito escolar. Tentando protegê-lo das reações adversas de colegas na escola, como a violência manifestada no preconceito e a segregação, a mãe abandona os seus interesses profissionais para se dedicar aos cuidados com a aprendizagem, ao dar aulas para o seu filho em sua casa.

[1] Doutoranda em Educação (bolsista CAPES), Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, membro do grupo de pesquisa: Políticas de Educação: Formação, Educação inclusiva, Direitos Humanos e Violência escolar, coordenado pela Profª Drª Valdelúcia Alves da Costa, ritapavan@id.uff.br;

[2] Doutoranda em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.; membro do grupo de pesquisa: Políticas de Educação: Formação, Educação inclusiva, Direitos Humanos e Violência escolar, coordenado pela Profª Drª Valdelúcia Alves da Costa. Email: ianarj@hotmail.com

[3] Doutoranda em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, membro do Grupo de Pesquisa (CNPq): Políticas de Educação: Formação, Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Violência Escolar. Email: tanicoelho14@gmail.com

[4] Professora Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), orientadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa (CNPq): Políticas de Educação: Formação, Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Violência Escolar. E-mail: valdeluciaalvescosta@id.uff.br.

ISSN: 2358-8829

Auggie Pulman, ao completar 10 anos, é conduzido à escola de Nova York, no quinto ano, estudando com estudantes sem deficiência. Há o estranhamento dos seus colegas desde o 1º dia de aula, que segregam Auggie Pulman nos espaços da escola. Primeiramente, apresentado para três colegas de turma pelo diretor, Sr. ´Buzanfa`, Jack Will, bolsista na escola, Julian, rico, pedante; Charlotte, comunicativa e frequentadora assídua das aulas de teatro, anteriormente ao início do período letivo, para conhecer os espaços da escola. Julian, o ofende e apresenta comportamento preconceituoso, insinuando que devido à sua aparência teria dificuldades de aprendizagem. Em relação à formação estabelecida na escola, demonstra fragilidades quanto à autonomia docente, como na cena em que a professora de Ciências não intervém na situação de preconceito entre um estudante sem deficiência (Julian) contra um estudante com deficiência (Auggie Pulman). Para tal, Souza (2025) ratifica que o capacitismo se manifesta quando as relações sociais entre estudantes com e sem deficiência não acontecem ou ocorrem de maneira superficial, corroborando para a segregação do estudante com deficiência.

As relações que se estabelecem entre o personagem principal da dramaturgia, Auggie Pulman, com seus colegas na escola, vislumbram a reflexão sobre os impactos da formação e as causas que ainda permitem a manifestação do preconceito contra o estudante com deficiência, os retrocessos e avanços à Educação Inclusiva. Houve a análise desta literatura, que originou o filme, por meio da reflexão sobre as formas que a cultura pode ser reproduzida no que tem de pior, com a violência manifestada no preconceito contra o estudante com deficiência, na imposição do modelo de comportamento e de desempenho escolar, ao classificá-lo em apto ou inapto à escola, porém também pode possibilitar o reconhecimento da diversidade humana como potência do saber e premissa da inclusão escolar nas situações de acolhimento, afeto e fortalecimento da autonomia com a participação do estudante com deficiência em interação com estudantes sem deficiência no processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

As autoras deste trabalho utilizaram a metodologia descritiva, sob a égide da Teoria Crítica da Sociedade, para a análise do filme Extraordinário, considerando a formação, a inclusão escolar e o preconceito contra o estudante com deficiência (capacitismo). Para Souza (2025), o capacitismo corrobora à hierarquização entre estudantes com e sem deficiência, ao estabelecer um padrão ideal de corpos socialmente determinados, pouco sensível à diversidade física e intelectual. Faz-se necessária a formação docente em prol da inclusão na aprendizagem para o enfrentamento ao preconceito contra o estudante com deficiência. Para tal, houve a

ISSN: 2358-8829

análise da literatura, com base nas narrativas que podem reproduzir a cultura no que tem de pior, a violência, com a imposição do modelo de comportamentos e de desempenho escolar, classificando os estudantes com e sem deficiência em aptos ou inaptos à escola, ou possibilitar a reflexão sobre a cultura e o reconhecimento da diferença como potencializadores do conhecimento, aprendizado mútuo e da inclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico adotado é a Teoria Crítica da Sociedade. Adorno (2023) defende a possibilidade da inclusão na educação, ao aferir que existe a violência na sociedade, mas que é possível o seu enfrentamento ao refletir quais as causas que ainda permitem o preconceito contra o estudante com deficiência, com a formação em defesa à autonomia e participação dos professores, estudantes e da família para a reflexão sobre as temáticas como violência, preconceito e inclusão. Para Crochík (2006) o diálogo é a base da educação democrática e da inclusão dos estudantes com e sem deficiência:

> Se a ameaça que paira sobre nós quando descobrimos que não somos o que pensamos, e os outros também não, pode levar a uma desorganização ou a uma reação a essa, então devemos pensar em trabalhar, se possível desde cedo, tanto com a possibilidade de o indivíduo expressar o que pensa sobre si e sobre os outros, quanto sobre aquilo que ele e os outros poderiam ser. Ou seja, dever- se-ia poder pensar sobre a flexibilidade humana, a valorização que é dada a determinados tipos de comportamento e não a outros e o porquê dessa valoração. O mesmo deveria ser feito com os sentimentos subjacentes àquelas expressões e aos afetos presentes nas relações, para que, uma vez expressados e não recriminados, mas refletidos e, assim, naquilo que for possível elaborados, fiquem próximos da consciência (Crochík, 2006, p.162).

A educação contra a barbárie se pauta na reflexão sobre os valores impostos na cultura que contribuem para a dominação de corpos e de saberes. Para tal, a sala de aula, para além da formação acadêmica é o local de estabelecimento de relações sociais e afetos, que desmistificam as diferenças, discutem sobre medos, elaboram desejos que não são saciados na aprendizagem padronizada, evitando que se tornem agressões e preconceito contra o indivíduo que é diferente de si, ao remeter características individuais que são ocultadas e não enfrentadas: “(...)ninguém estará inteiramente livre dos traços de barbárie, e tudo dependerá de orientar esses traços contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça” (Adorno, 2023, p.172).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A formação pautada na cultura burguesa, não reconhece e valoriza as diferenças cognitivas e físicas no processo de ensino e aprendizagem, tendo consequências à educação, que abrange para além do espaço institucional da escola, a participação da família. O filho foi mantido afastado da escola até os 10 anos de idade pelos pais, desenvolvendo sua aprendizagem com as aulas ofertadas pela mãe.

A inserção tardia de Auggie no convívio escolar e social reverbera em uma trajetória educacional marcada por dificuldades, decorrentes do enfrentamento de um ambiente permeado por segregação e preconceito. Apesar da família rodeá-lo de cuidados, seus pais estavam privando Auggie da experiência, por meio da superproteção, que é uma forma de negar a deficiência, mas não é necessariamente uma forma de preconceito, mesmo sendo uma forma de violência por se tratar de uma idealização positiva, como afirma Crochík (2015, p. 25): “Pode se tratar de uma forma de compensação para a rejeição que o alvo suscita e que o(a) preconceituoso(a) não pode aceitar para si (...)”.

Crochík (2011) enfatiza a importância da convivência entre estudantes com e sem deficiência no movimento de inclusão social na escola como preconizado na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), como forma de minimizar o preconceito. É importante ressaltar que ninguém é imune a violência, sendo possível resistir a sua manifestação pela experiência que pode desenvolver o afeto e a identificação com o outro diferente de mim. Esse processo de acolhimento apresentou imensos desafios por parte dos estudantes que lecionavam na escola que estudava Auggie Pulman. Julian, seu colega de turma, durante muitas cenas do filme, com destaque para uma cena inicial do filme, ao apresentar os ambientes da escola, descreve cada objeto e atividade a ser desenvolvida no laboratório de Ciências para Auggie Pulman, pressupondo que terá dificuldade na disciplina, julgando-lhe incapaz cognitivamente.

Considerando que na inclusão sempre haverá conflitos porque vivemos em uma sociedade que não é inclusiva e muito menos livre e humana, pensando no bem-estar do protagonista do filme, a família optou que o ensino fosse realizado em casa, temendo que fosse rejeitado, ao sofrer preconceito por outros estudantes sem deficiência e fosse segregado. Segundo Adorno (2023) e Crochík (2011), o estudante com deficiência, por não corresponder ao padrão de força e produtividade exigido pela escola e na sociedade é considerado frágil, acarretando o excesso de proteção ou hostilidade pelos demais indivíduos.

O preconceito tem em sua base, a cultura que autoconserva a vítima, de modo que viabilize a manutenção do status quo e a dominação por parte daqueles que introjetam valores

ISSN: 2358-8829

e se adaptam à uma cultura única. “Dessa maneira, um dos elementos do preconceito seria dado pela atribuição de características, comportamentos, julgamentos inerentes ao objeto, quando não o são (...)” (Crochík, 2011, p.12), como ocorrido na cena da aula de Ciências no filme, que retrata a relação entre os estudantes com e sem deficiência. A professora desta disciplina, Sra. Rubin, estava organizando as duplas para experiência a ser desenvolvida na feira de Ciências, quando Jack Will e Auggie Pulman foram designados a fazerem a atividade juntos. Julian demonstrou interesse em fazer o trabalho com Jack Will, também se referindo à Auggie Pulman de forma preconceituosa: “A gente poderia trabalhar em dupla. Você não tem que ser amigo daquele esquisito” (Palacio, 2014, p. 108). Durante essa cena, o personagem Jack Will reage e agride Julian, apresentando traços de barbárie, levando a refletir sobre a possibilidade da formação docente em contribuir na minimização da violência.

Não há preparação prévia, no âmbito da formação docente, para enfrentar os limites sociais na educação. Tal enfrentamento não decorre de um aprendizado instrumental ou imediato, mas constitui-se como resultado de um exercício intelectual contínuo, e para isso precisamos ter conhecimento teórico e que é muito frágil em nossa formação: “Dessa maneira, os professores não se permitem acolher as diferenças dos alunos, bem como viver experiência com a diversidade humana, pois ficam à espera de que lhes ensinem a ´como fazer`” (Costa, 2018, p.26). As atitudes docentes heterônomas estão presentes na escola, não possibilitam a emancipação, a reflexão, diálogo sobre a realidade e enfrentamento da manifestação do preconceito contra o estudante com deficiência. Para tal, Crochík (2008) propõe a educação voltada ao diálogo, livre expressão, para além do mero depósito de conhecimento, em que a verdade do sujeito não seja imposta e permaneça sobre a realidade concreta, mas possível de ser modificada. O autor demonstra que há a dificuldade dos pais e professores em educar para a realidade, considerada mais justa, que reconheça as diferenças como potencializadoras à emancipação e desenvolvimento da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes com deficiência não atendem o padrão de ‘normalidade’ imposto pela sociedade capitalista, que não tolera as diferenças cognitivas e físicas dos indivíduos e impera a cisão entre capital e trabalho. Como reconhecido na análise do filme “Extraordinário”, a sociedade é competitiva e a lógica do capital comanda a nossa formação e a nossa vida. Quando

ISSN: 2358-8829

a formação se submete plenamente a essa lógica da sociedade de classe capitalista o indivíduo tende a se tornar menos resistente e a manifestar violência.

Assim, a escola democrática se consolida com base na formação docente que contemple a diversidade nas experiências entre estudantes com e sem deficiência nas escolas inclusivas, com atividades em sala de aula, que possibilitem o processo de aprendizagem no âmbito da escrita, da oralidade e do diálogo, ao estabelecer significados nos conteúdos, desenvolvendo a expressão e autonomia nas atitudes docente e das (os) estudantes, para além da aplicação de técnicas e métodos de ensino, como ratificado por Costa (2015, p.157): "Penso ser possível a educação contribuir para a conscientização dos (as) professores (as), de maneira que não se conformem somente com técnicas pedagógicas que fortaleçam e reproduzam o pensamento estereotipado".

Considerando que a escola deve ser um ambiente democrático é importante discutir as causas que permitem o preconceito que está presente na sociedade que hierarquiza na padronização de saberes e comportamentos, definindo estudantes aptos ou inaptos ao sistema produtivo e à escola. Durante as cenas do filme, o personagem Auggie foi vítima do preconceito, segregado em sala de aula. A interação com os demais colegas era pouco propiciada pelo professor nas atividades em sala de aula, que traçava um objetivo a ser cumprido e pouco debatido pelas (os) estudantes. Não se discutia temas relevantes presentes na sociedade e na escola, como o preconceito, inclusão, diversidade, autonomia. Cabe ressaltar que as regras são necessárias para a organização do sistema escolar, que tem como objetivo desenvolver a civilidade entre estudantes com e sem deficiência, com a possibilidade de discutirem sobre as divergências dos indivíduos e curricular, "(...) as propostas que se seguem devem ser partilhadas, quanto aos seus princípios e conteúdo, por todas elas, mas de formas diferentes devido as suas peculiaridades e as funções que exercem atualmente" (Crochík, 2006, p.163).

Os resultados do estudo da literatura apresentada em articulação ao filme, à luz da Teoria Crítica da Sociedade revelam que no atual estágio da civilização observamos a dissolução da autoridade. A falta de identificação com a autoridade desde a família, até para ser superada precisa ser possibilitada na escola, caso contrário a(o) estudante não tem referência para reconhecer no futuro uma figura referencial, sendo essa uma das causas do preconceito contra o estudante com deficiência, ao considerar o afeto e o limite a serem dados, como ou nas atitudes de violência com a opressão do indivíduo. Esses valores corroboram à educação para a emancipação no enfrentamento às barreiras familiares e da escola à educação inclusiva, como

analisado no filme, ao considerar que as atitudes docentes e dos pais precisam ser refletidas e debatidas, do contrário, pode reproduzir a cultura como fosse única e no que tem de pior.

A autoridade educativa que seja referência para as (os) estudantes corrobora à formação humana e emancipada das (os) estudantes com e sem deficiência, que introjeta esse modelo para depois ser superado em sua individualidade. Para isso, Crochík (2006) estabelece algumas atitudes docentes que contribuem à educação democrática na escola como antídoto ao preconceito:

> Se a subjetividade e os temas que se referem a ela são evitados pelas pessoas predispostas ao preconceito, caberia à escola proporcionar espaço e oportunidades para que sua expressão e a consequente reflexão sobre ela pudessem ocorrer, por meio dos diversos métodos já existentes, tais como a redação, a interpretação e a discussão de textos, a representação teatral, o debate sobre filmes, os trabalhos artísticos, etc. Afora isso, mesmo nas matérias consideradas exatas, as reflexões sobre a subjetividade podem ocorrer se passarmos a dar ênfase aos aspectos filosóficos que ressaltam formas diversas de compreender a realidade. Evidentemente, essas compreensões devem ser situadas e confrontadas(...) (Crochík, 2006, p. 166).

A educação sobre a base teórica e filosófica deverá levar o indivíduo à percepção das contradições sociais e não as negar por meio da problematização da realidade que se apresenta, a educação é capaz de propiciar ao indivíduo, o tensionamento e resistência à barbárie histórica que ainda permite a segregação de estudantes com deficiência, ao romper com a heteronomia no fazer docente e nas atitudes de estudantes na escola e na sociedade:

> Esta questão para mim é decisiva, é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma à conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo (Adorno, 2023, p. 179).

As causas que permitem a violência contra a (o) estudante com deficiência precisam ser elaboradas e problematizadas na escola, na comunidade e em outros espaços educacionais, a fim do esclarecimento. Retornando a expressão de Adorno (2023) a educação possível é aquela que se volta para resistência. O papel central no movimento de inclusão nas salas de aulas inclusivas ocorre no aprendizado mútuo, os estudantes que apresentam maior domínio do conteúdo apoiam aqueles que apresentam dificuldade na disciplina estudada. Os grupos formados em sala de aula devem prezar a heterogeneidade dos indivíduos, considerando a pluralidade de concepções na discussão em sala de aula:

> O contato entre os que têm dificuldades de aprendizagem e os que não as têm deve ser facilitado pela formação de classes heterogêneas, uma vez que o estabelecimento de critérios para se discriminar os alunos quanto a competência escolar acirra a competição, colocando em segundo plano o próprio saber, enquanto aquilo que visamos é justamente o contrário, ou seja, a solidariedade entre os alunos, que já é um prenúncio de uma consciência que não se volta só para os interesses individuais. Igualmente, dentro das classes, os grupos a serem formados, quando for o caso, devem se pautar pela heterogeneidade. Quando houver dificuldades para isso, devido à

> resistência dos alunos, surge uma ótima oportunidade para se discutir sobre o assunto (Crochík, 2006, p. 167).

As relações interpessoais na escola e na família, sob a ótica das autoras na análise do filme, demonstraram-se como fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das (os) estudantes com e sem deficiência. O reconhecimento da diversidade de corpos e pensamentos consubstanciam a formação individual e coletiva no cotidiano escolar. A busca de atitudes docentes não autoritárias se respalda no princípio do diálogo em sala de aula, em que o ensinar e o aprender são indissociáveis em cada propositura de conteúdo discutido e metodologia adotada.

Palavras-chave: Filme Extraordinário; Preconceito; Inclusão; Formação docente; Escola.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar.. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf Acesso em: 16. out. 2026.

COSTA, V. A. da. Educação inclusiva e formação docente: questões à luz da Teoria Crítica da Sociedade. In: FUMES,N.de.L. et al (orgs.). **Possibilidades e desafios para a inclusão escolar no campo da educação especial**. Maceió: EdUFAL, 2018, p. 23-38.

COSTA, V. A. da. As demandas da formação e da prática docente inclusiva sob a égide dos direitos humanos. SILVA, A.M.M; COSTA, V.A. da. (orgs.). **Educação Inclusiva e Direitos Humanos**: perspectivas contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2015, p. 149-170.

CROCHÍK, J. L. Educação inclusiva, subjetividade, preconceito e direitos humanos: qual sua realação? In: SILVA, A.M.M; COSTA, V.A. (orgs). **Educação Inclusiva e Direitos Humanos:** perspectivas contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2015, p.23-53.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito e educação inclusiva.** Brasília: SDH/ PR, 2011.

CROCHÍK, J. L. O conceito do preconceito e a perspectiva da Teoria Crítica. In: PATTO, M. H. S. Et al (orgs.). **Perspectivas teóricas acerca do preconceito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 69-101.

CROCHÍK, J.L. Ações contra o preconceito. In: CROCHÍK, J.L. **Preconceito, indivíduo e cultura.** 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 153-170.

EXTRAORDINÁRIO. Título Original: Wonder. Direção: Stephen Chbosky. Filme. 113min. EUA, 2017.

ISSN: 2358-8829

PALACIO, R. J. **Extraordinário**. Tradução de Rachel Agavino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SOUZA, T. R. N. de. **Políticas Públicas e Direitos Humanos na educação superior:** experiência de inclusão de estudantes com deficiência na Unifesp e UFPB, 2025. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/40805. Acesso em: 30.set.2026.